

Organização revela o número de jornalistas mortos em serviço no ano

Quase metade dos jornalistas assassinados no mundo em 2025 era de palestinos

Por Patricia Campos Mello
(Folhapress)

Dos 67 jornalistas assassinados no mundo neste ano no exercício de suas funções ou em decorrência delas, quase metade (43%) foi morta na Faixa de Gaza por ações das Forças Armadas de Israel, aponta o Balanço de 2025 da organização Repórteres sem Fronteiras (RSF).

A América Latina também aparece como foco de preocupação da entidade de defesa da liberdade de imprensa - 26% (18) dos profissionais de imprensa assassinados estavam em países da região.

O perfil é bastante diferente do de jornalistas mortos no Oriente Médio, afirma Artur Romeu, diretor do escritório da América Latina da RSF. Em vez de vítimas em bombardeios, trata-se de mortes encomendadas. Na maior parte das vezes, são jornalistas locais que investigavam ligações do crime organizado com políticos de cidades no interior e são mortos por assassinos de aluguel, frequentemente quando estão a caminho de casa ou do trabalho. Muitos vinham recebendo ameaças de morte explícitas.

No México, o segundo local mais letal para jornalistas no mundo, foram nove profissionais assassinados pelo crime organizado, o maior número de mortes dos últimos três anos. Houve ainda dois jornalistas assassinados no Peru, dois no Equador, dois no Haiti, um na Colômbia, um em Honduras e um na Guatemala.

No Brasil, 33 profissionais de imprensa foram mortos entre 2010 e 2022. Nos últimos três anos, não houve registro de jornalistas assassinados no exercício de suas funções no país.



Levantamento aponta que 43% dos jornalistas assassinados foram palestinos da região de Gaza

De todos os jornalistas assassinados em 2025, apenas dois eram estrangeiros trabalhando em outros países. "Existe essa imagem romantizada de que são os correspondentes de guerra que morrem em conflitos, mas a grande maioria das vítimas é de jornalistas locais investigando corrupção e crime organizado", diz Romeu.

O número de jornalistas mortos no mundo subiu em 2025 pelo terceiro ano consecutivo. Os três locais mais perigosos para jornalistas em 2025 foram a Palestina, com 43% das mortes, México (13%) e Sudão (6%). Os principais autores dos crimes foram o Exército israelense (43% das mortes), cartéis e crime organizado (24%) e o Exército russo (4%).

Desde 7 de outubro de 2023, quando o grupo terrorista Hamas matou mais de 1.200 pessoas e se-

questrou 251 em Israel, mais de 70 mil pessoas morreram em Gaza em ataques israelenses, segundo o Ministério da Saúde do território, controlado pela facção. Nesse período, 220 dos mortos eram jornalistas no exercício de sua profissão, segundo a RSF.

Em um episódio condenado pela comunidade internacional, um ataque israelense contra um prédio no complexo médico Al-Nasser - conhecido por abrigar um espaço de trabalho para jornalistas - matou o fotógrafo Hossam al-Masri, da agência Reuters, em agosto de 2025. A jornalista Mariam Abu Dagga, que colaborava com diversos veículos, entre eles a Associated Press, foi ao local para cobrir as operações de resgate. Oito minutos após o primeiro bombardeio, ela foi morta em um segundo ataque, juntamente com outros dois jornalistas: o freelancer Moaz Abu Taha e Mohamad

Salama, fotojornalista da Al Jazeera.

Em 2025, ao menos 503 jornalistas estavam presos em todo o mundo. O país que mais prende profissionais da imprensa é a China, com 121 encarcerados. A jornalista Zhang Zhan é uma delas - foi condenada a quatro anos de prisão. Foi sua segunda prisão, já tendo cumprido pena em 2020 por cobrir o início da epidemia de Covid-19 em Wuhan. Em seguida vêm a Rússia (49) e Mianmar (47).

Depois de mais de duas décadas da ditadura de Bashar al-Assad, que caiu em dezembro de 2024, a Síria é o país com o maior número de jornalistas desaparecidos (37). Vários repórteres presos ou capturados durante o regime continuam em paradero desconhecido.

Além disso, entre 2012 e 2018, dezenas de jornalistas foram sequestrados por grupos jihadistas na Síria

e no Iraque. Oito deles ainda estão nas mãos dessas facções na Síria, incluindo o grupo Hayat Tahrir al-Sham (HTS), que faz parte do novo governo do país.

No México, 28 profissionais da imprensa seguem desaparecidos, e no Iraque, 12 - o total no mundo é de 135.

No mundo, 20 jornalistas são mantidos como reféns, sendo nove deles no Iêmen, oito na Síria e dois no Mali. Os rebeldes houthis do Iêmen são os principais sequestradores de jornalistas do mundo. Neste ano, eles sequestraram sete jornalistas perto da capital do país, Sanaa - os profissionais foram retirados de suas casas e levados para centros de detenção.

O exílio forçado de jornalistas é outra consequência da perseguição à imprensa. Eles fogem tanto de países como Afeganistão, Rússia e Belarús, que tradicionalmente reprimem a mídia, quanto de locais que se tornaram particularmente hostis à imprensa em 2025, como El Salvador. O presidente salvadorenho, Nayib Bukele, tem empreendido uma campanha de perseguição judicial, vigilância policial e assédio digital que forçou ao menos 53 jornalistas salvadorenhos a se exilarem em 2025.

"A crítica aos meios de comunicação é legítima e deve ser uma força para garantir a sobrevivência dessa função social, mas sem jamais resvalar para o ódio aos jornalistas", diz Thibaut Bruttin, diretor-geral da RSF. "De testemunhas privilegiadas da história, os jornalistas tornaram-se gradualmente vítimas colaterais, testemunhas inconvenientes, moeda de troca, peões em jogos diplomáticos, homens e mulheres a serem eliminados."

Coreia do Sul envia caças contra patrulha e intercepta bombardeiros da Rússia e da China

A Coreia do Sul mobilizou caças F-35 nesta terça-feira (9) para interceptar uma patrulha promovida pela Rússia e pela China perto de seu espaço aéreo. O incidente ocorre em meio à elevação das tensões no leste da Ásia, com o crescente enfrentamento entre Pequim, aliada de Moscou, e Tóquio, próxima de Seul.

Também nesta terça, o Japão anunciou a abertura de uma unidade de guerra eletrônica na ilha de Yonaguni, o ponto mais próximo de Taiwan - a ilha autônoma no centro da crise com os chineses.

A patrulha envolveu 11 aeronaves, incluindo bombardeiros

para ataque nuclear russos Tu-95 e chineses H-6K, com suas respectivas escoltas, caças Su-30 e Su-35 de Moscou, e J-16 de Pequim. Um avião-radar KJ-500A chinês também participou. É o décimo exercício do tipo desde 2019.

O Ministério da Defesa de Seul disse que o grupo passou cerca de uma hora testando a Adiz (Zona de Identificação de Defesa Aérea, na sigla inglesa) sobre o mar do Japão, a sudeste do país. Trata-se de uma área delimitada de forma arbitrária por nações, às vezes se sobrepondo, antes do espaço aéreo propriamente dito. Nela, aeronaves desconhecidas

têm de se identificar sob pena de interceptação.

A pasta não informou quantos aviões empregou. Nas imagens divulgadas pela Rússia, ao menos um F-35 é visível. Moscou disse que o exercício tinha caráter defensivo, durou oito horas e não invadiu nenhum espaço aéreo nacional.

O mal-estar no leste começou no mês passado, quando a nova premiê japonesa, Sanae Takachi, insinuou que poderia intervir militarmente se a China invadisse Taiwan, cuja retomada militar não é descartada pelo líder chinês Xi Jinping.

Depois, o Ministério da Defesa

japonês anunciou planos para a instalação de mísseis ofensivos de médio alcance em Yonaguni, ilha que fica a 110 km de Taiwan.

A China protestou, a Rússia anunciou seu apoio ao aliado e até Donald Trump, após uma conversa com Xi, recomendou a Tóquio para que baixasse o tom. O turismo e o comércio entre os países asiáticos já sentem os efeitos da tensão.

Até aqui, o pedido de Trump não foi atendido. No fim de semana, durante um exercício da Marinha chinesa, caças J-15 de Pequim colaram na mira de seus radares aviões de combate F-15 japoneses que esta-

vam monitorando as manobras.

Em termos militares, a chamada iluminação do alvo é o passo anterior a um disparo. O Japão protestou, dizendo estar à distância, e os chineses se queixaram de intervenção no exercício de suas forças. O incidente desta terça se insere nessa tensão. A ocasião mais recente desse tipo foi em novembro de 2024, como dessa vez sem nenhuma intercorrência mais grave. Em 2019, caças sul-coreanos dispararam contra aeronaves russas e chinesas, explicitando o risco de escaladas accidentais.

Por Igor Gielow
(Folhapress)